https://doi.org/10.20336/rbs.1325

DOSSIÊ PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO

Do presente ao passado: o Brasil como problema

From the present to the past: Brazil while research problem

Del presente al pasado: Brasil como cuestión

Fábio Mascaro Querido[*]
Lucas Correia Carvalho[**]

RESUMO
O pensamento social brasileiro tem se afirmado como uma área central de reflexão crítica das ciências sociais sobre a formação da sociedade, suas tradições intelectuais e seus dilemas contemporâneos. Diante de um contexto global marcado pelo avanço do conservadorismo, da extrema direita, de crises institucionais e da própria democracia liberal, somam-se novos padrões de exclusão e recomposições da estratificação social que desafiam interpretações consolidadas. Esses fenômenos recolocam em pauta questões já historicamente tratadas pela área, como a relação entre intelectuais, cultura, ideologias e poder, evidenciando seu papel como ferramenta analítica essencial na auto-observação da sociedade brasileira. Consolidado como um campo fértil para pesquisa e ensino, o pensamento social brasileiro tem incorporado novas linguagens culturais, novas abordagens metodológicas e temas emergentes como raça, gênero e tecnologia, sem abandonar a crítica às matrizes clássicas e aos efeitos sociais das ideias sobre instituições e práticas. A circulação, disputa e recepção de interpretações sobre o Brasil seguem sendo elementos chave para compreender as mudanças rápidas e os conflitos que atravessam o país. Este dossiê busca ampliar esse debate, explorando continuidades e inflexões do pensamento social brasileiro, suas tensões internas e sua capacidade de acompanhar e questionar o mundo em transformação.

Palavras-chave: formação nacional, interpretações do Brasil, intelectuais brasileiros, questão racial.

[*] Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
Doutor em Sociologia, Professor livre-docente e atual chefe do Departamento de Sociologia da Unicamp. fquerido@unicamp.br

[**] Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
Doutor em Sociologia, Professor adjunto do Departamento de Sociologia e Metodologia em Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFF. lucascorreiacarvalho@id.uff.br

ABSTRACT

The Brazilian social thought has established itself as a core area of critical reflection within the social sciences on the formation of society, its intellectual traditions, and its contemporary dilemmas. In a global context marked by the rise of conservatism, the far right, institutional crises, and even liberal democracy itself, new patterns of exclusion and recomposition of social stratification are emerging, challenging established interpretations. These phenomena bring back to the forefront issues that have historically been addressed by the field, such as the relationship between intellectuals, culture, ideologies, and power, highlighting its role as an essential analytical tool in self-observation of Brazilian society. Consolidated as a fertile field for research and teaching, Brazilian social thought has incorporated new cultural languages, new methodological approaches, and emerging themes such as race, gender, and technology, without abandoning the critique of classical matrices and the social effects of ideas on institutions and practices. The circulation, dispute, and reception of interpretations about Brazil remain key elements for understanding the rapid changes and conflicts that the country is experiencing. This dossier seeks to broaden this debate, exploring continuities and inflections in Brazilian social thought, its internal tensions, and its capacity to keep up with and question the changing world.

Keywords: nation-building, interpretations of Brazil, Brazilian intellectuals, racial question.

RESUMEN
El pensamiento social brasileño se ha consolidado como un área central de reflexión crítica de las ciencias sociales sobre la formación de la sociedad, sus tradiciones intelectuales y sus dilemas contemporáneos. En un contexto global marcado por el avance del conservadurismo, la extrema derecha, las crisis institucionales y de la propia democracia liberal, surgen nuevos patrones de exclusión y reestructuraciones de la estratificación social que desafían las interpretaciones consolidadas. Estos fenómenos vuelven a poner sobre la mesa cuestiones que ya han sido abordadas históricamente por esta disciplina, como la relación entre intelectuales, cultura, ideologías y poder, poniendo de manifiesto su papel como herramienta analítica esencial para la autoobservación de la sociedad brasileña. Consolidado como un campo fértil para la investigación y la enseñanza, el pensamiento social brasileño ha incorporado nuevos lenguajes culturales, nuevos enfoques metodológicos y temas emergentes como la raza, el género y la tecnología, sin abandonar la crítica a los marcos clásicos ni a los efectos sociales de las ideas sobre las instituciones y las prácticas. La circulación, la controversia y la recepción de interpretaciones sobre Brasil siguen siendo elementos clave para comprender los rápidos cambios y los conflictos que atraviesan el país. Este dossier pretende ampliar este debate, explorando las continuidades y los giros del pensamiento social brasileño, sus tensiones internas y su capacidad para acompañar y cuestionar el mundo en transformación.

Palabras clave: formación nacional, interpretaciones de Brasil, intelectuales brasileños, cuestión racial.

Já não é de hoje que a área de pensamento social brasileiro vem passando por transformações que, embora não alterem sua identidade básica, estimularam a abertura para novos temas e problemáticas. Assim como o pensamento social brasileiro propriamente dito, cujas mudanças acompanham a dinâmica dos contextos em que os textos e obras foram elaborados, as pesquisas da área também respondem aos novos desafios que, nas últimas décadas, foram se apresentando às ciências sociais brasileiras e globais.

Mesmo porque, se o horizonte último – a compreensão da trajetória acidentada do nosso processo de formação nacional – permanece o mesmo, cabe aos pesquisadores da área a interrogação a respeito do seu próprio presente, ou, mais especificamente, do modo como o presente reposiciona as visões e interpretações construídas no passado. Como diria Walter Benjamin, mais do que "progresso", no sentido meramente cumulativo (sob um "tempo vazio e homogêneo"), trata-se de "atualização".

Nesse sentido, o presente dossiê pode ser visto como amostra desta vitalidade dos estudos sobre o pensamento social brasileiro. Reunindo pesquisadoras e pesquisadores de várias gerações, o dossiê aborda distintos períodos tanto da história quanto do pensamento sobre o Brasil.

Dos debates que se abriram nos anos 1930 sobre a desigualdade, a democracia, o modernismo e o regionalismo, até os desafios ligados à presença da questão racial nas interpretações sobre a formação nacional, passando pela relação entre sociologia e imprensa, pelas discussões sobre nacional-popular e dependência cultural nos anos 1970 e pela modernidade científica em Carlos Chagas Filho, os temas dos artigos dão prova da diversidade há pouco aludida. Juntos, compõem um mosaico relevante, ainda que incompleto, do estado da arte da área de pensamento social brasileiro.

Em "João Cabral de Melo Neto e a denúncia da desigualdade", Elide Rugai Bastos (2026) – sem dúvida umas das mais importantes representantes da área ainda em atividade – demonstra como os diferentes momentos da socialização de João Cabral de Melo Neto apontam para um processo de "aprendizagem social" – que articula os níveis individuais e coletivos – da igualdade. Assim, se o tema é "clássico", o enquadramento o atualiza à luz das discussões mais contemporâneas sobre a "aprendizagem social" em meio ao combate às desigualdades que, como sabemos, ainda hoje caracterizam a sociedade brasileira.

Em toada semelhante, o artigo de Maria Arminda do Nascimento Arruda (2026), "Modernismo e regionalismo no Brasil: aproximações críticas", explora com acuidade as querelas e tensões entre o primeiro modernismo, da vanguarda de São Paulo, nos anos 1920, e os romancistas ditos "regionalistas", da década de 1930. Questionando o modo como essas distinções foram estabelecidas, o artigo toma essas expressões culturais como "partícipes e testemunhos da modernização em curso no país".

As controvérsias associadas à "literatura regionalista" – que transcendem os juízos puramente literários – são, assim, inscritas na própria "formação" do Brasil moderno (em meio a uma sociedade ainda parcialmente "tradicional"), assim como nas disputas (por parte da "crítica") em torno do sentido do modernismo. Deste ponto de vista, os romancistas de 1930 podem ser vistos como retratistas dos dilemas da modernidade em formações sociais como a brasileira.

A "questão regional" também é o objeto do texto de Irlys Barreira (2026), "Ciências Sociais e a questão regional: veredas de um estado da arte". Partindo da ideia de que a noção de "regional", mais do que apenas uma espacialidade geográfica, implica "valorações e narrativas construídas de acordo com registros situados em vários campos de atividade social", a autora aborda a difusão de pesquisas nos Encontros de Ciências Sociais Norte e Nordeste, entre 1980 e 1997, nos quais eram discutidos processos sociais ligados às especificidades regionais. Ao valorizar a "produção regional", os Encontros "dinamizaram" as ciências sociais brasileiras em geral.

Concentrando-se nos anos 1930, mas discutindo uma questão – a democracia – que nos remete ao nosso próprio presente, Maria Fernandes, Gabriela Nunes Ferreira e Diego Ambrosini (2026) propõem estudo comparativo entre uma concepção "autoritária" de "democracia", defendida por autores como Oliveira Vianna, Francisco Campos e Azevedo Amaral, e uma visão liberal-procedimental, mobilizada por Nestor Duarte. Como demonstram as autoras, em um contexto – os anos 1930 – marcado, no Brasil e no mundo, por questionamentos à democracia liberal, o próprio conceito de democracia tornou-se objeto de disputa sobre o seu sentido.

O artigo assinado por Lilia Moritz Schwarcz e Lúcia Klück Stumpf (2026), com o sugestivo título "O Mestre e o Caseiro: quando a forma se torna fôrma", é mais um exemplo da interpenetração entre o passado e o presente do pensamento social brasileiro. A partir de uma "leitura comparada" de

três momentos da representação visual do espaço doméstico brasileiro – a aquarela *Le dîner* (1827), de Jean-Baptiste Debret, o curta-metragem *O Mestre de Apipucos* (1959), de Joaquim Pedro de Andrade, e a obra/vídeo *O Caseiro* (2016), de Jonathas de Andrade –, o artigo explora o problema da "geometria da desigualdade racial no espaço doméstico brasileiro".

Em interlocução com o conceito de "forma difícil", de Rodrigo Naves, as autoras argumentam que essa "geometria" constitui, na verdade, uma "fôrma", ou seja, um "molde" que hierarquiza – a partir de critérios de raça, classe e gênero – os corpos no espaço. A hipótese central é a de que, enquanto Debret pintou essa "geometria" sem nomeá-la, e Joaquim Pedro a enquadrou com uma ironia que operava no eixo da classe, mas que alcançava a questão racial como problema, Jonathas de Andrade expõe a "fôrma" de tal maneira que tornou a questão hoje incontornável.

Em "Desafios para uma releitura crítica da questão racial no Pensamento Social no Brasil", Ana Rodrigues Cavalcanti Alves (2026) discute as condições de uma agenda de pesquisa que tome a dimensão racial da própria área como problema, e não apenas como tema. A autora reconstrói as disputas interpretativas sobre raça, nação e formação social, da crítica de Guerreiro Ramos à "sociologia do negro" ao papel da intelectualidade negra na definição dos modos legítimos de interpretar o país. Em seguida, sistematiza aportes recentes e propõe alguns desafios epistemológicos. O argumento central é de que a raça deve ser deslocada de eixo temático para interrogação sobre os fundamentos da autoridade intelectual no campo.

Também em torno da questão racial, o artigo de Danilla Aguiar e Nara Roberta Silva (2026), "Pensamento Social Brasileiro em perspectiva transnacional: Clóvis Moura, Walter Rodney e a crítica do capitalismo racial", lê a obra de Clóvis Moura a partir de sua inscrição no internacionalismo negro e no pensamento anticolonial. As autoras mostram que Moura rompe, no interior da tradição marxista brasileira, com a subordinação da raça à classe: a escravização aparece como elemento constitutivo da acumulação capitalista, e a agência negra ocupa o centro da análise. A comparação com Rodney, que também recusa tratar a escravidão como pré-capitalista, evidencia convergências metodológicas e políticas na compreensão do racismo e do capitalismo como historicamente articulados. A releitura é mobilizada para pensar as recomposições do neoliberalismo no Brasil atual.

Antonio Brasil Jr., Matheus Barros e Ricardo Maciel (2026), em "A sociologia na imprensa brasileira em meados do Séc. XX: uma agenda de pesquisa", parte da teoria dos sistemas sociais e da noção de "movimento intelectual" para tratar a imprensa como circuito comunicativo constitutivo da sociologia, e não como mero veículo de divulgação. A base empírica é o levantamento de 981 artigos de seis autores em cinco jornais cariocas, dos quais 825 saíram nos suplementos literários, entre as décadas de 1940 e 1960. A isso se soma um estudo de caso das intervenções de Florestan Fernandes na imprensa paulistana nos anos 1940. O artigo sustenta que os jornais foram espaços decisivos de elaboração intelectual, intervenção pública e construção de legitimidade, e que a trajetória formativa de Florestan foi menos linear do que a narrativa corrente supõe.

"*Back to the 70s*: desconstrução entre nacional-popular e dependentismo", de Mauricio Hoelz e André Botelho (2026), volta ao debate sobre cultura e política na ditadura a partir de uma posição pouco explorada, a de Silviano Santiago em "Vale quanto pesa" (1982). O texto situa Silviano frente ao diálogo de Heloisa Buarque de Hollanda com o ensaio "Cultura e política, 1964-1969", de Roberto Schwarz, e delineia três linhas de desenvolvimento do debate, à maneira de tipos ideais: o nacional-popular, o dependentista e o desconstrutor.

Em "Imaginar o mundo de amanhã: os circuitos de Carlos Chagas Filho e do peixe-elétrico na modernidade científica do Brasil", Andre Bittencourt (2026) insere o debate sobre os "médicos-intérpretes" no terreno da história das ciências. O artigo acompanha as pesquisas de Chagas Filho sobre o poraquê entre as décadas de 1930 e 1950, com base em jornais, revistas, entrevistas e arquivos, e mostra que "seguir o cientista" exige também "seguir o peixe". O animal condensa representações ambivalentes do país, ao mesmo tempo singularidade natural e promessa de modernidade científica. O foco se desloca do cientista isolado para as redes de circulação e mediação em que a ciência foi produzida e tornada possível.

Este breve panorama dá uma ideia da pluralidade de temas e perspectivas abarcados pelos artigos deste dossiê. Longe de indicar ausência de coerência, tal pluralidade aponta na verdade para a força criativa que se desdobra de um núcleo comum. São diferentes formas de interrogar questões que, oriundas da nossa história, também interpelam o nosso presente. Mais do que um interesse historiográfico renovado pelos desafios ligados ao processo

de formação nacional, os artigos demonstram que, se o passado passou, nem por isso ele deixa de se apresentar – atualizado – no presente.

Sem abdicar do rigor intelectual pelo qual a área de pensamento social brasileiro sempre se destacou, os textos aqui publicados revelam, portanto, o compromisso público com a investigação de ideias que se transformam em forças sociais, e vice-versa. São ideias sem a compreensão das quais não entendemos por que nos tornamos o que somos, e tampouco o que, a partir do que somos, podemos vir a ser. Enquanto ainda estiver em tempo…

Referências

Aguiar, Danilla, & Silva, Nara Roberta. (2026). Pensamento Social Brasileiro em perspectiva transnacional: Clóvis Moura, Walter Rodney e a crítica do capitalismo racial. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1245. https://doi.org/10.20336/rbs.1245

Alves, Ana R. C. (2026). Desafios para uma releitura crítica da questão racial no Pensamento Social no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1238. https://doi.org/10.20336/rbs.1238

Arruda, Maria Arminda do N. (2026). Modernismo e regionalismo no Brasil: aproximações críticas. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1260. https://doi.org/10.20336/rbs.1260

Barreira, Irlys F. (2026). Ciências Sociais e a questão regional: veredas de um estado da arte. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1249. https://doi.org/10.20336/rbs.1249

Bastos, Elide R. (2026). João Cabral de Melo Neto e a denúncia da desigualdade. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1262. https://doi.org/10.20336/rbs.1262

Bittencourt, Andre. (2026). Imaginar o mundo de amanhã: os circuitos de Carlos Chagas Filho e do peixe-elétrico na modernidade científica do Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1250. https://doi.org/10.20336/rbs.1250

Brasil Jr., Antonio, Barros, Matheus de C., & Maciel, Ricardo. A sociologia na imprensa brasileira em meados do Séc. XX: uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1233. https://doi.org/10.20336/rbs.1233

Fernandes, Maria Fernanda L., Ferreira, Gabriela N., & Ambrosini, Diego Rafael. (2026). Conceitos de democracia no Brasil dos anos 1930. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1255. https://doi.org/10.20336/rbs.1255

Hoelz, Maurício, & Botelho, André. (2026). Back to the 70s: desconstrução entre nacional-popular e dependentismo. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1244. https://doi.org/10.20336/rbs.1244

Schwarcz, Lilia M., Stumpf, Lucia K. (2026). O Mestre e o Caseiro: quando a forma se torna fôrma. *Revista Brasileira de Sociologia, 14*, e-rbs.1237. https://doi.org/10.20336/rbs.1237

Recebido: 27 out. 2026.
Aprovado: 29 out. 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0